

FORMAÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE: PERCURSO DO PEDAGOGO RUMO À PROFISSIONALIZAÇÃO

ELIZABETH REGINA SILVA FERREIRA

UFPB. E-mail: eliza_ufpb@hotmail.com

PRISCILA MIKAELLE COSTA DE ARAÚJO

UFPB. E-mail: mikaelle_ufpb@hotmail.com

ANA PAULA FURTADO SOARES PONTES

UFPB. Graduada em Pedagogia, com mestrado e doutorado em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco. Atualmente, é professora da Universidade Federal da Paraíba, Campus I – João Pessoa/Departamento de Habilitações Pedagógicas, onde leciona a disciplina Educação e Trabalho. E-mail: anaufpb@gmail.com

Introdução

O conceito e as características da profissão docente, bem como, suas origens e condicionantes e as implicações que as mesmas exercem sobre a prática do professor nos permite teorizar e passear pelas diferentes nuances da profissão docente. A função docente desenvolve-se a partir de um modelo em que se constituía em ocupação secundária, cujas normas e valores se Originaram externamente: primeiramente da Igreja, mais tarde do Estado (PAPI, 2005, p. 20).

O ato de ensinar passou muito tempo sendo confundida com sacerdócio, devido à influência da Igreja dentro da sala de aula, segundo Nóvoa (1995), a docência tem sua origem na igreja, uma vez que cabia aos religiosos a responsabilidade pela educação. Apesar de identificarmos que essa configuração esteja se dissipando, ainda existem pessoas que acreditam que ensinar não passa de um ato de doação. Nesse sentido, podemos dizer que nesse ato de doação está implícito todo o contexto de submissão, onde esse futuro profissional docente não reivindica seus direitos, assim, como também não exerce sua profissão de forma justa. Evidentemente que não podemos apenas culpar esses profissionais, pois muitas vezes essa prática está impregnada no seu cotidiano de forma mecanizada,

ou seja, onde esse profissional docente deve atender à demanda exigida pelo mercado se adequando a um sistema cada vez mais excludente, visto que, se não for um profissional “multitarefa” não serve para esse modelo. Com isso, o que acontece com esses profissionais é uma mudança de comportamento e pensamento. E o que a princípio era para ser uma tarefa desempenhada com satisfação e autonomia, acaba por ser um sacrifício.

Nessa perspectiva é que se faz necessário uma discussão mais aprofundada sobre a real significação do trabalho docente. Para entender esse complexo processo partiu-se da leitura de PAPI (2005), que nos agrega saberes a respeito da profissão docente,, caracterizando e conceituando a mesma, revelando os condicionantes da prática profissional docente, são eles: 1º A base social do professor, 2º Definição social da formação docente, 3º Profissionalidade dividida e 4º Relações técnico-pedagógicas da prática docente. Devemos ter na mente que o profissional docente deve ter autonomia e não deve ser controlado, deve passar por um processo de rupturas, processo complexo e que precisa de uma formação apropriada e de qualidade.

Entende-se que dentro da expectativa de cada aluno que ingressa no curso de Pedagogia existem espaços de resistências e desistências na formação do futuro professor, KUENZER (2009), portanto, é importante entender os limites e possibilidades desses alunos, no tocante às ações transformadoras que os mesmos exercerão, sendo norteados pelos compromissos de uma classe que vive a docência como forma de trabalho, Partindo do pressuposto de que os sujeitos entrevistados por não possuírem uma base sólida formada do que é “ser professor”, levanta-se a hipótese de que seus anseios e esperanças futuras em relação à profissão docente estão fincadas em suas experiências estudantis passadas e atuais. Justificando assim, os questionamentos levantados na continuidade da pesquisa, dando uma gama de possibilidades para o entendimento desse processo de precarização do trabalho docente como um todo.

As informações iniciais coletadas evidenciaram uma distorção no que diz respeito ao entendimento da função docente em relação a sua história, além de equívocos a cerca da prática do exercício do magistério. Tais evidências revelam ainda o quão “impregnado” nos sujeitos entrevistados está à ideia de que “ser professor” está longe de ser uma profissão respeitável e valorizada financeiramente, interligando pontos como as más condições de trabalho, a carga mental sofrida por esse eventual profissional e a exigência de desenvolver diversas funções em sala de aula (pai, mãe, psicólogo, nutricionista, etc.), possivelmente gerando uma desmotivação aparente nessas pessoas que não só escolheram um curso universitário, mas uma profissão, uma carreira e uma missão à cumprir na sociedade. Na visão de Paulo freire, essa automatização da função docente tem suas raízes no processo de aprendizagem, onde esse aluno do curso de pedagogia pode ser ensinado equivocadamente, à apenas repetir o que foi estudado sem considerar a realidade no qual está inserido, pois:

O que importa, na formação docente, não é a repetição mecânica do gesto, este ou aquele, mas a compreensão do valor dos sentimentos, das emoções, do desejo, da insegurança a ser superada pela segurança, do medo que, ao ser “educado”, vai gerando a coragem. [...] Como professor num curso de formação docente não posso esgotar minha prática discursando sobre a Teoria da não extensão do conhecimento. Não posso apenas falar bonito sobre as razões ontológicas, epistemológicas e políticas da Teoria. O meu discurso sobre a teoria deve ser o exemplo concreto, prático, da Teoria. (FREIRE, 1996, p.14).

Por isso, se faz necessário se apropriar da relação teoria e prática, uma vez que esse processo na formação do docente está convergente com as experiências dentro e fora da sala de aula. Portanto, nesse caso, o papel do professor (a) se torna relevante no tocante à profissionalização desse futuro profissional, ou seja, ca-

bendo ao docente nortear as atividades bem como as práticas dos discentes. Contudo, os profissionais desenvolvem determinados comportamentos destrezas, valores, atitudes, constroem conhecimentos que constituem o que é específico da profissão ao que se chama de profissionalidade. Como os demais profissionais, o professor afirma suas especificidades e projeta, no âmbito da ação profissional a sua profissionalidade.

Metodologia

O presente estudo se configurou inicialmente a partir de um levantamento bibliográfico sobre a profissionalização docente. A bibliografia elencada serviu como arcabouço e respaldo ao estudo, uma vez que, as reflexões imbuídas nos textos coadunam-se com o objetivo da pesquisa referente ao percurso e formação do pedagogo rumo à profissionalização. Além do levantamento bibliográfico, realizou-se um estudo exploratório de natureza qualitativa por meio de entrevistas. A coleta de dados foi feita com três discentes denominados com um código (Sujeito 1, Sujeito 2, Sujeito3), em virtude da preservação de seus registros para que fosse legitimamente garantidos. A instituição elegida para realizar os estudos foi a Universidade Federal da Paraíba, na graduação de Pedagogia. Os três sujeitos cursam o primeiro período, no horário da manhã.

Cada um dos entrevistados respondeu a dois formulários: o primeiro, contendo os dados de identificação e o segundo continha nove perguntas relativas à profissão docente, e cada sujeito se manifestou como lhe aprouve. As três entrevistas foram gravadas em áudio; das nove perguntas que resultava o formulário, foram escolhidas para este estudo apenas duas questões. Uma que tratava sobre a visão dos sujeitos a respeito do “que é ser professor”, e a segunda, “como se deu a sua escolha pelo curso de pedagogia”.

Resultados e Discussões

A identidade docente é uma construção que permeia a vida profissional desde o momento da escolha da profissão, Veiga (2008, p.18). A preferência dos sujeitos entrevistados pelo trabalho docente e mais especificamente pelo curso de pedagogia, esta no geral, vinculada a uma vocação pessoal, mas principalmente a circunstâncias específicas que favoreçam essa escolha, seja influência e incentivo familiar e de outros docentes, seja pela concepção de empregabilidade no mercado de trabalho ou engajamentos acadêmicos. A evolução da sociedade contemporânea conduz a um número cada vez maior de expectativa em relação ao trabalho docente. Assim, há um aumento e indefinição sobre o que cabe aos professores. É de fundamental importância construir e adquirir uma compreensão sobre a importância desse papel, tendo profundidade científico-pedagógica que capacite no enfrentamento das questões fundamentais da escola como instituição social de maneira crítico- reflexiva.

É indispensável, portanto, que se amplie o conceito de prática educativa, o qual deve ser entendido numa concepção abrangente, não delimitada apenas pela prática didática dos professores. Na realidade estes desempenham um conjunto de funções que ultrapassam a tarefa de ministrar aulas. Os sujeitos das entrevistas em questão nos trouxeram respostas a cerca de seu entendimento do ofício docente. O professor, em um ponto de vista comum é: “um agente político capaz de prover os indivíduos de condições para o acesso a uma forma de vida e melhores condições, sendo assim, um mediador direto de conhecimentos científicos.” (SUJEITOS 1, 2 e 3). Partindo dessa discussão cabe aqui registrar a entrevista que foi realizada, fazendo assim uma análise comparativa das visões e questões que foram levantadas.

Quadro 1.

COMO SE DEU A SUA ESCOLHA PELO CURSO DE PEDAGOGIA?	
SUJEITO 1	Primeiro a Pedagogia não era minha primeira opção, eu ia optar por jornalismo, mas no ENEM eu passei para Pedagogia! Aí minha família me incentivou muito para eu continuar com Pedagogia, por que era um curso bom e como eu ainda era nova, eu fiz 18 anos agora, tinha 17 quando entrei; que já era uma experiência pra mim saber como era a Universidade e tal... Aí eu disse: "vamos entrar em pedagogia". E agora dentro do curso eu percebo que por mais que eu não queira estar, é uma coisa que eu levo pra vida, entendeu? Que eu até queria terminar o curso só pra ter alguma coisa, por que você muda como ser humano. No meu ponto de vista Pedagogia influencia muito.
SUJEITO 2	Bom, na verdade a primeira opção de curso foi o curso de Psicologia. Passei! Mas por motivos pessoais não pude cursar e na 2ª opção do ENEM eu entrei no curso e estou por esse motivo. O curso de Psicologia no meu entendimento, como eu não sabia, era de manhã e a tarde, porém eu não tinha condições de continuar por que tinha casado recentemente e achei que não ia dar pra conciliar. Aí eu resolvi fazer o curso de Pedagogia porque só era em um turno, só era pela manhã.
SUJEITO 3	Pelo interesse que eu sempre tive pela educação. Eu sempre me interessei pelo curso e sempre quis ser educadora, desde criança.

Quadro 2.

PARA VOCÊ O QUE É SER PROFESSOR?	
SUJEITO 1	Ser professor é como se fosse [...] Eu acho mais importante até do que ser médico. Como o médico pode salvar vidas, eu acho que o professor também pode, de certo jeito. Por que com a educação certa também pode mudar a vida de muita gente e eu acho um trabalho muito bonito, "ser professor".
SUJEITO 2	Bom. "Ser professor" pra mim é ser um mediador, um mediador de conhecimentos, é formar as crianças, tanto sistematicamente com os conhecimentos científicos, como também, formar para vida. Preparar um cidadão, preparar uma pessoa que no futuro vai se tornar uma pessoa que vai intervir na sociedade.
SUJEITO 3	A visão de ser professor hoje "tá esculhambada", mas eu penso em ser uma ótima professora e realmente educar, mostrar o que tiver que mostrar [...] Por amor mesmo, e não por obrigação.

Entrevista realizada com alunas do primeiro período do curso de Pedagogia, da Universidade Federal da Paraíba, no ano de 2012.

O primeiro ponto de análise é a questão do discurso, onde vemos que o Sujeito 1, coloca que na verdade a escolha pelo curso foi como uma opção indesejada, mas que mesmo assim pretende prosseguir e concluir seu curso, pois deseja ao menos ter uma graduação. Outro ponto interessante é que a família, mesmo sabendo da escolha, apoia e incentiva a mesma a continuar no curso afirmando que a juventude ajuda, caso ela queira mais trade se aventurar em outra área. Partindo dessa análise, entende-se que a autonomia profissional é comprometida e a escolha pelo curso ou profissão, não deixa de ser apenas uma questão de conveniência, se tivermos a compreensão moral com a comunidade, a competência profissional torna-se indispensável e sua configuração é possível, entre outros aspectos, mediante a autonomia profissional. (PAPI, 2005, p.43).

Essa compreensão moral vai além de saber o que é certo ou errado, perpassa pela escolha diária do enfrentamento das situações adversas de cada profissão, e isso começa na escolha do curso, conseqüentemente na escolha da área de atuação. A formação dos professores embora seja deficitária em alguns aspectos, em outros, a falta de comprometimento do alunado em levar para frente e arcar com suas escolhas acarreta a desqualificação dos mesmos. É inegável dizer que o curso de Pedagogia nos dois momentos da pesquisa tem uma conotação errada, onde os Sujeitos entrevistados não dispõem ainda de uma visão geral da profissão docente ou do trabalho do professor reconhecido como tal. Sabe-se que, o curso de Pedagogia, foco de nossa pesquisa, traz em sua raiz um índice altíssimo de desistências em seus primeiros períodos. Observamos que dos três Sujeitos entrevistados apenas um entrou no curso porque realmente queria. A própria estrutura física da Universidade se adaptou a essa realidade. É possível observar que a partir do 7º período a sala de aula é um quarto menor que a do 1º período.

Embora alguns alunos que ingressam no curso de Pedagogia estejam total ou parcialmente satisfeitos com o curso que esco-

lheram, existe uma grande parcela desses alunos que nem sequer sabem por que estão em sala, sendo assim as discussões sobre a profissionalização do trabalho docente ficam nos bastidores. Essa discussão trata de questões ligadas às funções desses professores no mercado de trabalho. Outro direcionamento tem como ponto chave o mal estar que esses futuros profissionais enfrentarão condições essas que são aliadas a baixa remuneração e a pouca valorização do trabalho docente.

Continuando a análise, agora no quando 2, percebe-se que o terceiro sujeito ensaia algo sobre o tipo de profissional que a sociedade espera, mas que nem sempre é obtido. Perceba que na fala do sujeito entrevistado, a noção de ser professor ainda segue um aliada de sacerdócio e não profissional; outro ponto que é claramente muito confundido entre aqueles que pensam em ser professor. O mercado de trabalho é cruel e seleciona aqueles que desempenham melhor suas funções.

O profissional que não se adéqua a essa realidade fica à margem, portanto, preconizando mais ainda a sua força de trabalho. É possível perceber que as discussões a cerca da profissionalização do trabalho docente decorre de outros fatores, sendo esses pressupostos para a melhoria do ensino como um todo. Hoje em dia dentro da Universidade se discute a forma correta de formar o profissional docente para esse enfrentamento direto no mercado de trabalho. A formação deve dar um suporte para esses profissionais que pretendem atuar nas mais diversas áreas. No caso do aluno de Pedagogia a pretensão é formar um profissional crítico, capaz de entender que:

O trabalho docente, sob a égide do capitalismo, não escapa à lógica da acumulação do capital, pela venda da força de trabalho do professor para instituições privadas, pela qualificação científico-tecnológica de trabalhadores para atender às demandas do trabalho capitalista, pelo disciplinamento com vista à subordinação, pela produção de ciência e tecnologia. Assim, seu trabalho está atravessado pelas mesmas

contradições que caracterizam o capitalismo. (Kuenzer, 2009, p.22).

Kuenzer afirma é que caso esse aluno, futuro profissional, não tenha essa visão ou faça essa análise, ele estará fadado ao insucesso. Pois na medida em que se deparar com a realidade entrará em conflito com suas escolhas, podendo até vir à desistir da profissão, ou ainda, se formar para que possa ter uma graduação e posteriormente buscar a satisfação em outra área.

A Formação da Identidade Docente

Retomando nosso percurso sobre a formação da identidade docente nos deparamos com alunos que ingressam no curso, por questões elementares, como: baixa pontuação para o ingresso via vestibular ou até mesmo, reopção no processo seletivo do ENEM. Aqui exemplifico apenas duas situações, porém sabe-se que outros fatores também influenciam essa escolha. Uma vez dentro do curso, esses alunos se deparam com a realidade, que nem sempre é desejada, principalmente aqueles que vem de uma educação na rede privada. Pois, uma vez se deparando com outras realidades, mais duras ou reais. Sendo assim, ocorre uma verdadeira frustração nesse ponto do percurso, alguns chegam a desistir do curso.

Muito embora exista uma parcela de alunos que não se sintam aptos a continuar, existem aqueles que enfrentam a realidade e passam a formar o que Kuenzer vai chamar de *fatores de resistência*, uma verdadeira “armadura” para a defesa desses fatores ou condições impostas pelo meio, no qual estamos inseridos.

Outro fator preponderante nos alunos do curso de Pedagogia é o desestímulo, que tanto pode ser encontrado dentro do próprio curso, quanto fora dele. Essa carência de estímulos vem sendo colocada em discussão, no que se refere às contradições entre teoria e prática, pois o que chamamos de práxis aparece apenas como

“discurso libertário”, onde é passada para os discentes por meio de uma visão superficial dessa concepção.

Observar essas contradições no curso de formação do profissional docente implica numa avaliação mais criteriosa dessa formação, que Veiga (2008) destaca em sua fala. Vejamos:

Trata-se de uma ação contínua e progressiva que envolve várias instâncias e atribui valorização significativa para a prática pedagógica, para a experiência, como componente constitutivo da formação. Ao valorizar a prática como componente formador, em nenhum momento assumisse a visão dicotômica da relação teoria-prática. A prática profissional da docência exige uma fundamentação teórica explícita. A teoria também é ação e a prática não é receptáculo da teoria. Este não é um conjunto de regras. É formulada e trabalhada com base no conhecimento da realidade concreta. A prática é o ponto de partida e de chegada do processo de formação. (VEIGA, 2008, p. 16).

Partindo dessa visão, entende-se que a formação docente deve ser articulada com as questões emergentes da sociedade, Além de fazer conexões com os contextos: sociais, políticos, culturais, econômicos e, sobretudo, educacionais. Articulando assim, os objetivos elencados na formação teórico-prática. Pois a construção dessa identidade está diretamente articulada com a formação humanizada, sendo assim, podendo então alocar essa formação em um contexto de relacionamento direto com o outro, ou seja, uma relação concreta que ressalta as experiências vividas no coletivo para a construção de uma identidade profissional própria.

Considerações Finais

Formar professor é sobretudo, ter um senso crítico/ reflexivo, capaz de orientar suas decisões. É poder colocar em prática de forma simultânea a teorização e a prática, elementos que dão suporte a elevação e valorização do trabalho docente eficaz. A for-

mação deve ser contínua e progressiva, que vai atribuir significado a prática pedagógica, ou seja, saberes que são específicos, construídos no espaço da experiência, Veiga (1999).

Concluimos que a preferência dos sujeitos entrevistados pela carreira docente está vinculada a uma vocação pessoal, algo que não está ligado diretamente com o conceito de profissionalização. Nesse sentido, a autonomia se faz necessária, uma vez que, o profissional docente deve ter atribuições e compromissos de ordem ética e moral, sobretudo, com uma formação densa e especializada, compreendendo a si mesmo, entendendo seu critério profissional e dos demais profissionais que possam estar envolvidos no processo de ensino.

Referências Bibliográficas

- COSTA, Marisa Cristina Vorraber. Trabalho docente e profissionalismo. – Porto alegre: Sulina, 1995.
- FREIRE, P. (1996). Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa. Vitória, 1996.
- GARCIA, C. M. (1999). Formação de professores: para uma mudança educativa. Porto: Porto Ed.
- KUENZER, Acácia Z. (2009). Os espaços de resistência e desistências a cerca da formação dos professores. São Paulo: Ed. Papirus.
- PAPI, Silmara (2005). A profissão docente nos contextos das profissões: os desafios das características da profissionalização.
- VEIGA, Ilma. P. (2008). Docência com atividade de profissional. In Veiga, Ilma P; Cristina (orgs). Profissão docente: Novos sentimentos, novas perspectiva. Campinas, SP: Papirus.